

**17º Congresso de Iniciação Científica****O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA NOS ESPAÇOS ESCOLARES DAS
SÉRIES INICIAIS: DAS PROPOSTAS ÀS AÇÕES****Autor(es)**

GISELE CRISTINA SANTOS MORAES

Orientador(es)

ANA PAULA DE FREITAS, EVANI ANDREATTA AMARAL CAMARGO

Apoio Financeiro

FAPIC/UNIMEP

1. Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram criados pelo Ministério da Educação para privilegiar as diferenças socio-históricas de cada grupo de alunos, nos diversos seguimentos educacionais. Orientam o trabalho desenvolvido na escola brasileira tendo o processo de construção do conhecimento por parte do aluno e o papel do professor como mediador entre o aluno e o conhecimento e entre o aluno e seus pares. (<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>).

A perspectiva teórica que embasa este trabalho se fundamenta em Vygotsky (1984; 1987), que discute a inter-relação entre constituição do sujeito e da linguagem, vinculada à matriz histórico-cultural, na interação com os do grupo cultural.

Desta forma, aprendizado e desenvolvimento ocorrem no processo de mediação, em colaboração com o outro ou no contato com os objetos e signos culturais. Assim, o processo de inclusão escolar é um lócus privilegiado para compreendermos os processos de aprendizagens de sujeitos com dificuldades para aprender.

A seguir, apresentamos as características da narrativa, levantadas por Perroni (1992). Tais características foram retiradas de Labov (1967, 1972) e ampliadas por Perroni (1992 apud CAMARGO; SCARPA, 1996). As características são as seguintes:

- existência de dependência temporal entre um evento x e outro y;
- orações que expressam essa dependência temporal constituída essencialmente por verbos de ação;
- emprego do tempo perfeito;
- relato no “inédito”, ou seja, um evento singular dentro da narrativa, digno de ser narrado;
- uso de operadores de narrativas: “era uma vez”, para iniciar a narrativa; “acabou” ou “acabou a história”, para encerrá-la; “depois”, “e aí” ou “daí”, ligando um evento no outro;
- uso de elementos prosódicos e paralinguísticos (prosódia, entoação, ritmo, velocidade de fala; qualidade de voz de suspense e narrar histórias), que caracterizam o ato de narrar.

Com relação à natureza dos elementos obrigatórios numa narrativa não há um consenso entre os teóricos. A estrutura básica, obviamente, é composta por início, meio e fim; e uma narrativa precisa de uma introdução, de um momento (quando?), um local (onde?), personagens atuantes (quem?) e uma situação de fundo, no qual o conteúdo da narrativa se desenvolve. Este, contudo deve ser constituído por uma série de eventos conectados que foram realizados ou experienciados pelos sujeitos.

Por discutirmos a inter-relação entre as esferas lingüísticas, apresentamos as discussões de Lacerda (1995) sobre o desenho infantil, que destaca que “é pela oralidade, no momento da interlocução, pelas mediações que o significado do desenho se constrói e se estabiliza” (p.56). Durante esta relação com o outro, o significado do desenho também pode ser reestruturado passando a ser mais

rico e detalhado; neste sentido, pode-se notar que a oralidade tem uma influência extremamente forte sobre o significado do desenho e que este pode ser alterado nas relações sociais que o envolvem. A linguagem oral aparece de maneira intensa em sua produção, podendo ser vista após a realização do desenho quando a criança reflete sobre os resultados ou mesmo quando acompanha o processo, oferecendo recortes que indicam detalhes e traços.

De acordo com a autora existe uma grande possibilidade das crianças construírem narrativas orais partindo de um desenho, pois como a linguagem oral de certa forma contribui para o desenvolvimento do desenho, este último também colabora para o desenvolvimento da linguagem oral facilitando para a construção de narrativas. Entretanto não podemos esquecer-nos de salientar que esse processo mútuo também favorece a gênese da escrita, pois a escrita é essencialmente uma atividade simbólica, assim como o desenho.

A seguir, apresentamos brevemente o Ensino e Aprendizagem usados no primeiro ciclo do ensino fundamental, os objetivos de Língua Portuguesa para este ciclo, segundo os PCNs (PCNS, 1997).

Objetivos de Língua Portuguesa para o primeiro ciclo

- compreender o sentido das mensagens orais e escritas de que é destinatário direto ou indireto: saber atribuir significado, começando a identificar elementos possivelmente relevantes segundo os propósitos e intenções do autor;
- ler textos dos gêneros previstos para o ciclo, combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação;
- utilizar a linguagem oral com eficácia, sabendo adequá-la a intenções e situações comunicativas que requeiram conversar num grupo, expressar sentimentos e opiniões, defender pontos de vista, relatar acontecimentos, expor sobre temas estudados;
- participar de diferentes situações de comunicação oral, acolhendo e considerando as opiniões alheias e respeitando os diferentes modos de falar;
- produzir textos escritos coesos e coerentes, considerando o leitor e o objeto da mensagem, começando a identificar o gênero e o suporte que melhor atendem a intenção comunicativa;
- escrever textos dos gêneros previstos para o ciclo, utilizando a escrita alfabética e preocupando-se com a forma ortográfica;
- considerar a necessidade das várias versões que a produção do texto escrito requer, empenhando-se em produzi-las com a ajuda do professor.

Em suas reflexões, Góes (2004) aponta para a necessidade de avaliarmos se a escola está dando atenção suficiente para a necessidade de "... encontros entre semelhantes, de modo que os alunos possam ter experiências ampliadas da significação de si, elaborando sobre semelhanças e diferenciação também relativas ao que caracteriza sua necessidade especial" (p.81-82).

Com relação a aprendizagem entre os pares, a interação social como fator de desenvolvimento cognitivo foi estudado nos anos setenta, sob a influência de Piaget, mas Vygotsky vem introduzir uma dimensão mais lata ao fenômeno da interação, considerando que a interação com os pares mais competentes promove não somente novas aprendizagens, mas o desenvolvimento. É também ele que vai introduzir o conceito "zona proximal de desenvolvimento", muito utilizado na educação (SANCHES, 2005).

2. Objetivos

O presente projeto tem como objetivo analisar os aspectos escolares e clínicos que propiciem desenvolvimento de linguagem no aspecto do desenvolvimento narrativo e a inter-relação com aspectos gráficos: desenho e início do processo de aquisição da linguagem escrita em crianças com dificuldades acentuadas para aprender, relacionando tais aspectos com as propostas dos documentos oficiais, de acordo com os PCNs.

3. Desenvolvimento

Na escola, o banco de dados refere-se às gravações em vídeos de atividades ocorridas em séries iniciais (filmagens realizadas no 2º. Semestre de 2006 e 1º. Semestre de 2007). Com relação às crianças, todos freqüentavam a mesma escola, só que em salas diferentes. Apenas uma delas (MI) freqüentava a mesma sala de outra (AN). Já na sala de apoio todos freqüentavam a mesma. Eram 5 crianças, com idades entre 6 e 8 anos, que participavam de um programa de inclusão, isto é, crianças com dificuldades acentuadas para aprender que freqüentavam uma escola regular. Tratava-se de uma escola de ensino fundamental do município de Piracicaba.

Na Clínica, o banco de dados também se refere às gravações em vídeos de terapias ocorridas na clínica de fonoaudiologia (filmagens realizados no 2º. semestre de 2004; 1o e 2o semestres de 2005), em que privilegiamos situações em que ocorreram situações narrativas. Eram 9 crianças, com idades entre 6 e 10 anos, com diagnósticos neurológicos variados como: apraxia fonarticulatória, atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, atraso global do desenvolvimento e síndrome Cornélia de Lange e dentre as alterações fonoaudiológicas temos: atraso de linguagem, alteração fonarticulatória e alteração da motricidade orofacial.

Tratava-se de uma clínica-escola de Fonoaudiologia também na cidade de Piracicaba. O banco de dados faz parte do projeto "Linguagem e Inclusão Escolar", das pesquisadoras proponentes deste projeto Profa Dra Maria Inês B. Monteiro, Profa Dra Ana Paula de Freitas e Profa Dra Evani A. Amaral Camargo.

Para a construção dos dados, foram demarcadas as filmagens de cinco em cinco minutos, descrevendo-se as situações da sala regular, da sala de apoio e da clínica de fonoaudiologia, com o propósito de contemplar os objetivos propostos. As atividades filmadas, tanto

na escola quanto na clínica, não foram organizadas pelas pesquisadoras e sim pelos professores e terapeutas; assim, nem todas abarcam situações de narrativa, de desenho ou de escrita. Procuramos, na seleção dos episódios, contemplar o que era mais significativo às propostas do projeto.

Optamos pela análise dos processos e pelo estudo da origem dinâmico-causal, enfatizando-se, assim, uma análise explicativa e não descritiva.

Como parâmetros para análise dos dados foram utilizados os PCNs, que contém objetivos apresentados para melhor organização das práticas educativas. Além disso, verificamos as atividades e ações da professora na parte escolar e da estagiária (terapeuta) na parte clínica, bem como a interação com os pares. Ainda adotamos as características narrativas levantadas por Perroni (1992) já citadas na introdução.

A construção a análise dos dados foram feitas a partir de uma perspectiva qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), comparando tal desenvolvimento com as propostas de atividades com as propostas dos parâmetros curriculares.

As crianças do projeto foram identificadas pelas primeiras iniciais e os adultos por professor (a) ou estagiário (a).

4. Resultado e Discussão

A maioria dos professores das salas de aula regular, através das atividades, propiciou momentos para que as crianças narrassem, mesmo que com a ajuda do professor e de seus pares, fazendo assim uma narração conjunta, sendo esse um dos objetivos dos PCNs. Apenas uma professora propôs atividades diferentes para o aluno incluído, enquanto o restante da sala realizava outra atividade, sendo que tal atitude não foi eficaz para a criança, porque a mesma não realizava a atividade proposta para ela, pelo contrário, ficava atenta aos outros alunos e, desta forma, não cumpria nenhuma das duas.

A sala de apoio foi o espaço que mais propiciou o narrar e as ligações entre as esferas simbólicas, pois além de ter uma menor quantidade de alunos, os mesmos se mostravam mais participativos perante as atividades propostas pode-se verificar o apoio que um dava para o outro e a relação entre os pares. Nesse espaço, as crianças recontavam histórias, oralmente e por meio de desenho.

Com relação à Clínica, a maioria das estagiárias realizava atividades que propiciavam a narrativa de histórias e até mesmo de pequenos relatos de experiências, tanto oralmente quanto em forma de desenho e escrita, sendo que em grande parte dos relatos das crianças pode-se identificar características narrativas, além disso, nas ações das estagiárias também foram observados os objetivos propostos nos PCNs. Pode-se dizer que o desenho e a escrita propiciaram e até complementaram a narrativa das crianças. Vale ressaltar que as crianças ainda necessitam da mediação do outro para narrar.

5. Considerações Finais

Com base nas análises, podemos dizer que os objetivos propostos pelos PCNs estão sendo usados pelas professoras, tanto da sala de aula regular quanto da sala de apoio e até mesma na clínica, embora não fosse o objetivo nesse espaço. Verificamos que muitas das propostas de atividades dos PCNs, no tocante à língua portuguesa, propiciam e contribuem para o desenvolvimento da narrativa.

Em relação aos aspectos de inclusão, no espaço escolar, verificamos que algumas professoras desenvolvem a mesma atividade para a criança com dificuldades para aprender e o restante da sala. Entretanto, quando as atividades são diferentes, a criança incluída dispersa-se e ainda solicita mais atenção da professora, inclusive respondendo questões feitas para o restante da sala, prejudicando a criança e os demais alunos.

Nas salas em que as atividades eram as mesmas para todas as crianças, nem sempre as com dificuldades acentuadas para aprender conseguiam acompanhar os demais colegas ou mesmo terminar as atividades propostas. Na sala de apoio, provavelmente pelo número reduzido de crianças, a professora conseguia que todos participassem e terminassem as atividades; além disso, eram propiciadas atividades coletivas, em que as crianças trocavam mais conhecimentos.

Com relação à parte clínica, a maioria das estagiárias trabalha com atividades que propiciam a narrativa, tentando estabelecer ligação entre as esferas simbólicas (oralidade, desenho e escrita); pois, em algumas atividades uma esfera auxilia a outra, proporcionando assim o desencadear de pequenos relatos, mas ficou evidente que as crianças ainda precisam da participação do adulto para narrar.

Referências Bibliográficas

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em educação*. Porto: Porto editora LDA, 1994.

CAMARGO, Evani Andreatta Amaral; SCARPA, Ester Mirian. *Desenvolvimento narrativo em crianças com Síndrome de Down*. In: MARCHESAN, Irene Queiroz; ZORZI, Jaime Luiz; GOMES, Ivone C. Dias. *Tópicos em fonoaudiologia*. São Paulo: Louvise, 1996.

- GÓES, M. C. R. Desafios da inclusão de alunos especiais: a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In: GÓES, M. C. R. de; LAPLANE, A. L. F. de (Org.). Políticas e Práticas de Educação Inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 69-92.
- LACERDA, C.B.F. Inter-relação entre a oralidade, desenho e escrita, o processo de construção do conhecimento. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1995.
- Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasília, DF. 1997. Disponível em: . Acesso em: 18 set. 2008.
- PERRONI, M. C. Desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SANCHES, I. Compreender, Agir, Incluir. Da Investigação-Ação a Educação Inclusiva. Revista Lusófona de Educação. Lisboa, 005, pp127-142, 2005
- VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo; Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Livraria Fontes Editora Ltda, 1987.